

Setor exportador beneficiado

por Fernando Canzian
de São Paulo

O secretário geral do Ministério da Fazenda, Maílson Ferreira da Nóbrega, afirmou, na sexta-feira, que a intenção do governo é realizar a conversão da dívida em investimentos dirigidos principalmente ao setor exportador e às empresas localizadas no Nordeste, considerados setor e região prioritária. "O esquema da conversão vai ficar pronto antes do final deste ano", salientou, no encerramento do seminário "Conversão da Dívida em Capital de Risco", realizado na FIESP.

Nóbrega disse que o governo está sendo cuidadoso em preparar esquemas para sanar os impactos monetários causados pela con-

versão, pois "a conversão representa, na verdade, uma troca de dívida externa por dívida interna". Segundo ele, se a conversão abranger as dívidas do setor privado, com efeitos monetários, essa troca aumentará a necessidade de financiamento do setor público "e poderá representar pressão adicional a dificultar as metas de ajustamento da economia nacional".

Ele ressaltou que a conversão nada acresce à poupança nacional nem aumenta a capacidade de importação. "A curto prazo, é mera realocação da poupança nacional em proveito das empresas receptoras", disse, lembrando, contudo, que a médio prazo poderá trazer vantagens ao

balanço de pagamentos. Nóbrega disse que é desejável que as regras de conversão requeiram o mínimo de intervenção oficial, "evitando que a burocracia bloqueie o programa". Como forma de evitar a burocracia, Nóbrega destacou que o BC pretende adotar os esquemas de leilões dos créditos e níveis de deságios para a dívida a ser convertida.

Ele frisou que não há um programa final de conversão já firmado, e que a proposta apresentada por um jornal paulista como sendo o projeto de conversão não é verdadeira, mas trata-se de um dos rascunhos do plano.

Eduardo Saad, representante no Brasil do Merrill Lynch International Bank,

disse que a conversão da dívida é "praticamente a única fonte de demanda para os papéis da dívida externa no mercado secundário". Segundo ele, os títulos da dívida brasileira no mercado secundário têm hoje um deságio entre 41 e 43%, e que os títulos de países que adotaram programas de conversão, como o México e o Chile, tiveram sua queda limitada.

"Numa visão limitada, a conversão é a transformação da dívida em capital, e pagamento da dívida através de dividendos. É uma tese fraca, pois os investimentos ajudam o País e acirra a demanda por investimentos externos", afirmou Roberto Bastos, diretor no Brasil do Banker's Trust.